

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - LICENCIATURA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Leonardo Aguiar Azevedo

**DIFERENÇAS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: LINGUAGEM
CORPORAL ESPORTIVA**

VOLTA REDONDA

2018

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - LICENCIATURA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**DIFERENÇAS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: LINGUAGEM
CORPORAL ESPORTIVA**

Artigo apresentado ao Curso de Educação Física do UniFOA como requisito à obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Aluno: Leonardo Aguiar Azevedo

Orientador: Prof. Dra. Ivanete da Rosa Silva de Oliveira

VOLTA REDONDA

2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aluno: Leonardo Aguiar Azevedo

Diferenças de Gênero na Educação Física Escolar: Linguagem Corporal Esportiva

Orientador: Prof. Dra. Ivanete da Rosa Silva de Oliveira

Banca Examinadora:

Orientador Prof. Dra. Ivanete da Rosa Silva de Oliveira

Prof. Dra. Ana Paula Cunha Pereira

Prof. Dr. Adilson Pereira

RESUMO

O gênero, ao enfatizar o caráter social das divisões baseadas no sexo, possibilita perceber as representações e apresentações das diferenças, não só àquelas articuladas aos aspectos biológicos existentes, como também àquelas vinculadas à dimensão sociocultural. Partindo desse pressuposto, este estudo objetiva discutir a temática de inclusão mediante a categoria de gênero nas aulas de Educação Física das Séries Finais do Ensino Fundamental. As implicações decorrentes das discussões sobre a exclusão de gênero que foram efetivadas no âmbito do Pibid, por estudantes de Educação Física (UniFOA) fomentaram a pretensão de contribuir com as reflexões sobre os currículos de Educação Física nos diferentes níveis de ensino, bem como com a formação docente, para repensar sobre estratégias que possibilitem a transformação do espaço escolar em instância inclusiva e formadora de cidadãos em plenitude de equidade de direito. Buscou-se para este estudo exploratório-qualitativo, artigos (SciELO) que apresentassem evidências de ações docentes que reforçavam/minimizavam preconceito de gênero. Para a análise optou-se pela revisão integrativa, onde foi possível identificar as seguintes categorias: predomínio do conteúdo desportivizante; conveniência do fazer pedagógico em Educação Física; influência cultural do masculino se sobrepondo ao feminino; práticas de respeito às diferenças de gênero. Constatou-se: as práticas de exclusão por gênero, nas aulas de educação física, sofrem influência dos papéis definidos socialmente para homens e mulheres, que apesar da predominância das aulas mistas; os docentes ainda separam as atividades por sexo e habilidade motora; há um domínio do masculino na divisão do espaço nas aulas de Educação Física, ficando a quadra para os meninos e as meninas em “algum canto” da escola; os estudantes relatam que a falta de habilidade motora é que leva a exclusão, no entanto, os docentes utilizam práticas desportivizantes que favorecem a cultura masculina da atividade física. No caso, conteúdos como dança são subutilizados; o planejamento didático de aulas coeducativas promove estratégias que favorecem as relações de gênero. Conclui-se que as aulas coeducativas são apoiadas em uma abordagem pedagógica de diversificação dos conteúdos que possibilitam problematizar a temática de gênero e, em decorrência, contribuem para sociabilidade das pessoas, por meio da minimização dos conflitos preconceituosos.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Esporte; Gênero; Pibid.

ABSTRACT

The genre, emphasizing the social character of the divisions based on sex, makes it possible to perceive the representations and presentations of the differences, not only those articulated to the existing biological aspects, but also those linked to the dimension Cultural. Based on this assumption, this study aims to discuss the theme of inclusion through the category of gender in physical education classes of the final grades of elementary school. The implications of the discussions on gender exclusion that were carried out within the Pibid, by Physical Education students (UNIFOA) encouraged the pretension to contribute to the reflections on the physical education curricula in the different Levels of education, as well as with teacher training, to rethink strategies that enable the transformation of the school space into an inclusive and formative instance of citizens in the fullness of fairness of law. This exploratory-qualitative study was aimed at articles (SciELO) that presented evidences of teaching actions that reinforced/minimized gender bias. For the analysis, we opted for an integrative review, where it was possible to identify the following categories: predominance of sportsmanship content; The convenience of teaching in physical education; The cultural influence of the male overlapping the feminine; Practices of respect for gender differences. It was found: the practices of exclusion by gender, in physical education classes, suffer the influence of socially defined roles for men and women, which despite the predominance of mixed classes; The professors still separate the activities by sex and motor skill; There is a male dominance in the division of space in physical education classes, getting the court for boys and girls in "some corner" of the school; The students report that the lack of motor skill is that it leads to exclusion, however, the professors use sportsmanship practices that favor the male culture of physical activity. In this case, content such as dance is underutilized; The didactic planning of education co classes promotes strategies that favor gender relations. It is concluded that the Education co classes are supported in a pedagogical approach to diversify the content that make it possible to problematize the thematic of gender and, as a consequence, contribute to the sociability of people, through the minimization of prejudiced conflicts.

Key-words: Physical School Education; Sport; Genre; Pibid.

INTRODUÇÃO

O presente estudo objetiva discutir a temática de inclusão mediante a categoria de gênero nas aulas de Educação Física escolar das Séries Finais do Ensino Fundamental. Para tal, pretende-se: discutir gênero como categoria construída socialmente; verificar na literatura relacionada à Educação Física escolar, se as atividades propostas nas aulas de Educação Física promovem a interação entre meninos e meninas e se contribuem para erradicar a ideologia sexista; propor práticas pedagógicas que possibilitem ao professor de Educação Física problematizar situações que estão articuladas à temática de gênero, potencializando a transformação do espaço escolar como locus de equidade e cidadania.

Destaca-se que a presente pesquisa foi desenvolvida anteriormente como um relato de experiência pibidiana, no qual foram descritas atividades de Educação Física que promoviam a interação entre meninos e meninas, do qual o principal autor participou parcialmente. O tema proposto foi escolhido diante da observação da realidade escolar e a partir das discussões sobre a exclusão de gênero nas aulas de Educação Física. Ambas as ações foram desenvolvidas, durante a prática de iniciação à docência efetivada no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), por estudantes do Curso de Licenciatura em Educação Física do UniFOA (OLIVEIRA *et al.*, 2017).

A relevância da escolha do tema se dá pelo fato de que este estudo pretende contribuir com as reflexões sobre os currículos de Educação Física, nos diferentes níveis de ensino, bem como com a formação continuada dos docentes para repensar sobre estratégias que contemplem esta temática, com a perspectiva de possibilitar a transformação do espaço escolar em instância inclusiva e formadora de cidadãos em plenitude de equidade de direito.

Partindo do pressuposto que ainda na atualidade é possível observar resistências em muitas escolas, sobre trabalhar com turmas mistas. Quando não separadas de forma sexista, turmas femininas e masculinas, há a separação de atividades dentro da aula ou os próprios

estudantes se excluem das atividades físicas, alegando questões de diferenciais de força, déficit de habilidade motora e, algumas vezes, idade.

Essa perspectiva de segregação sexista é reforçada por Altmann, Ayoub e Amaral (2009, p. 04), que defende que mesmo quando a aula ocorre simultaneamente para meninos e meninas, as separações de gênero continuam acentuadas, com meninas realizando atividades diferentes dos meninos. Essa atitude docente está pautada em uma pedagogia esvaziada de princípios que não contemplam os conteúdos propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 2000).

Entende-se que para uma mudança de concepção será necessário que os docentes sejam provocados a refletirem sobre suas práticas pedagógicas, criando estratégias que possam incluir meninas e meninos nas mesmas atividades. Para assumir tal postura, o docente tem que se mostrar sensível às novas situações de ensino-aprendizagem, a fim de transmitir conhecimentos com sentido, significado e valores.

GÊNERO: CATEGORIA CONSTRUIDA SOCIALMENTE

Gênero pode ser entendido como um elemento característico das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, fornecendo um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana (SCOTT, 1995, p. 89).

De acordo com Abreu e Andrade (2010), o termo gênero começou a ser difundido no Brasil em 1970. Na Educação Física foi só em 1990, quando o termo deixou de ser visto como puramente biológico e passou a ser visto como construção social. Essa nova visão introduziu um novo conceito de aulas mistas, isto é, aulas coeducativas.

A coeducação, conforme Saraiva (2005), pode ser entendida em âmbito geral como práticas conjuntas entre meninas e meninos que colaboram na interpretação das atividades físicas e do esporte numa visão relacional de gênero, combatendo o sexismo. Tais práticas, segundo a autora, liberta alunos e alunas dos estereótipos e das determinações de que cada sexo deve vivenciar práticas corporais diferenciadas. A coeducação revela o sentido da união dos sexos na Educação Física escolar, buscando a emancipação dos alunos.

O gênero, ao enfatizar o caráter fundamentalmente social das divisões baseadas no sexo, possibilita perceber as representações e apresentações das diferenças sexuais, ainda que ligado às diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres, estão outras sociais e culturalmente construídas.

Na intervenção Pibidiana foi constatada a influência da cultura adquirida socialmente de que homens e mulheres têm seus papéis na sociedade, assim como nas aulas de Educação Física. Mesmo em uma turma de 27 alunos, onde a maioria era do sexo feminino, foi identificado que existia práticas excludentes entre os alunos na forma de se relacionar nas aulas. No caso específico do conteúdo esporte, observa-se que os estudantes deixam de participar das aulas e se excluem por haver separação entre ambos os sexos, reforçando a determinação de que dado esporte é para as mulheres e outros para os homens (OLIVEIRA *et al.*, 2017).

Fica claro que a ênfase explicitada pelo conceito de gênero à construção social das diferenças sexuais não se propõe a desprezar as diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres, mas considera que, com base nestas, outras são construídas.

Bourdieu (1995) lembra que o mundo social constrói o corpo por meio de um trabalho permanente de formação e imprime nele um programa de percepção, de apreciação e de ação. Nesse processo, as diferenças socialmente construídas acabam sendo consideradas naturais inscritas no biológico e legitimador de uma relação de dominação.

Bordo (1997, p. 20) afirma que “por meio da organização e da normalização de nossas vidas, nossos corpos passam por transformações, onde são treinados, moldados e marcados pelo cunho das formas históricas predominantes de individualidade, desejo, masculinidade e feminilidade”.

Como a ideia de gênero está fundada nas diferenças biológicas entre os sexos, ela aponta para o caráter implicitamente relacional do feminino e do masculino. Assim, gênero é uma categoria relacional porque leva em conta o outro sexo, em presença ou ausência. Além disso, relaciona-se com outras categorias, pois não somos vistos de acordo apenas com nosso sexo ou com o que a cultura fez dele, mas de uma maneira muito mais ampla: somos classificados de acordo com nossa idade, raça, etnia, classe social, altura e peso corporal, habilidades motoras, dentre muitas outras. Isso ocorre nos diversos espaços sociais, incluindo a escola e as aulas de Educação Física, sejam ministradas para turmas do mesmo sexo ou não.

O processo de educação de homens e mulheres supõe uma construção social e corporal dos sujeitos, o que implica – no processo ensino/aprendizagem de valores – conhecimentos, posturas e movimentos corporais considerados masculinos ou femininos. E, nesse sentido, praticamente, todo movimento corporal é distinto para os dois sexos: o andar balançando os quadris é assumido como feminino, enquanto dos homens espera-se um caminhar mais firme (palavra que no dicionário vem associada a seguro, ereto, resoluto – expressões muito masculinas e positivas), o uso das mãos [...], o posicionamento das pernas ao sentar, enfim, muitas posturas e movimentos são marcados, programados, para um e para outro sexo (LOURO, 1992, pp. 58-59).

Os sistemas escolares modernos não apenas refletem a ideologia sexual dominante da sociedade, mas produzem ativamente uma cadeia de masculinidades e feminilidades heterossexuais diferenciadas e hierarquicamente ordenadas (MAC AN GAHILL, 1996).

Mesmo com essa hierarquização, as construções de gênero não se opõem, ou seja, o feminino não é o oposto nem o complemento do masculino.

Sobre isso, Poovey (1988) argumenta que a oposição entre os sexos não é reflexo ou articulação de um fato biológico, mas uma construção social. A revelação de que a oposição binária é artificial desestabiliza a identidade aparentemente fixa e rígida do feminino e do masculino e impede a formulação de outras possibilidades. No que se refere à diversidade de construções de gênero, Louro (1996) lembra que, entendendo gênero fundamentalmente como uma construção social – e, portanto, histórica –, teríamos de supor que esse conceito é plural, ou seja, haveria conceitos de feminino e de masculino, social e historicamente diversos. A ideia de pluralidade implicaria admitir não apenas que sociedades diferentes teriam diferentes concepções de homem e de mulher, como também que no interior de uma sociedade tais concepções seriam diversificadas, conforme a classe, a religião, a raça, a idade, etc.; além disso, implicaria admitir que os conceitos de masculino e feminino se transformam ao longo do tempo.

Um entendimento dos gêneros como opostos não é exclusividade do mundo adulto. Após examinar construções de gênero em falas e em jogos de crianças em escolas primárias inglesas, Francis (1998, p.42) afirma que as próprias crianças construía os gêneros como opostos, a fim de reforçar seu senso de identidade feminina ou masculina. Entretanto, essas culturas não eram congeladas, e as fronteiras dessa divisão eram frequentemente ultrapassadas ou recusadas. Similarmente, Thorne (1993) relata ocasiões em que o senso de gênero como fronteira se dissolvia, e meninos e meninas interagiam descontraidamente.

Assim, como exposto na próxima seção textual, meninos e meninas não mantêm nítidas as divisões de gênero, estando por vezes separados e noutras juntos, o que, nas aulas de Educação Física, nem sempre ocorre sem muitos conflitos.

EDUCAÇÃO FÍSICA: LINGUAGEM ESTEROTIPADA PARA O MASCULINO E FEMININO

As aulas de Educação Física são representadas por muitos alunos como espaço que propicia liberdade para se movimentar e experimentar diversas possibilidades corporais. Por meio desses espaços, quando o docente é sensível a inserir no currículo múltiplas culturas, permite ao estudante se relacionar com diferentes religiões, idades, etnias e classes sociais. Esse ambiente promove a troca de vivências anteriores onde cada indivíduo se movimenta de uma forma. Portanto, nesta ocasião, fica evidente a manifestação corporal e as diferentes formas de ser e agir de cada aluno, por meio de uma forma exclusiva de se comportar corporalmente.

No entanto, existem fatores que colaboram para que haja uma “padronização” dos movimentos corporais femininos e masculinos. O currículo é empreendimento pedagógico e cultural que introjeta valores que estão articulados aos conteúdos. No caso específico das aulas de Educação Física, muitas vezes constatamos que há diferenciação nas atividades, sendo que algumas se restringem a oferta exclusivamente para os meninos e outras para as meninas, originando um prejuízo para ambos. Diante dessa situação, os alunos deixam de vivenciar atividades primordiais para o seu repertório motor, totalizando em movimentos estereotipados.

Soares *et al.* (1998) afirma que esses movimentos estereotipados são gerados pelas práticas desenvolvidas nas aulas de Educação Física e provocam limitação no repertório de vivências do movimento, pois estes dizem o que é condizente ou não, para cada sexo.

Francischi *et al.* (2012), por sua vez, defende que as relações estereotipadas estão presentes no contexto escolar, permeando a prática pedagógica e provocando discriminação entre os alunos. Pois, características como, sensibilidade e delicadeza são vistas como pertencentes ao sexo feminino, bem como seriedade e força pertencente ao sexo masculino. Isso se reflete nos conteúdos que são ministrados para meninos e para meninas. Como exemplo temos as lutas que são compreendidas como predominantemente masculinas, dificultando a

participação das meninas, enquanto a dança é entendida como uma prática feminina, tornando restrita a participação dos meninos e sendo permeada por preconceito e segregação.

Como analisado no relato de experiência pibidiana, quando tratamos da atividade Rugby, que é disseminada culturalmente como um esporte violento e perigoso por ser de contato corporal direto, produz uma visão estereotipada que foi confirmada pelos estudantes daquele colégio onde estava sendo desenvolvida a prática de iniciação à docência. No início das atividades existiu um grande preconceito que gerou uma exclusão por parte dos meninos em relação às meninas, onde eles compararam o sexo feminino como sendo frágil e que não possuía habilidade para aquela modalidade (OLIVEIRA *et al.*, 2017).

Ainda em relação à prática supracitada, ao constatar o problema, foram inseridas atividades que promoviam a inclusão sem distinção de gênero aos estudantes, tendo como principal meio inclusivo o Rugby. A partir do momento em que foi apresentada a modalidade de iniciação, a visão dos estudantes foi se reconfigurando, principalmente, por causa da tomada de consciência dos benefícios que o Rugby pode trazer, tanto na dimensão física, quanto na dimensão axiológica, no que diz respeito à questão de identidade de gênero.

Vale ressaltar que essa visão estereotipada é derivada da concepção do corpo compreendido como puramente biológico, predominando, assim, por muito tempo, uma perspectiva utilitária do corpo. Francischi *et al.* (2012) explica que as representações de como os sujeitos devem se constituir como homens e mulheres estão relacionados com a diferenciação entre os papéis que foram, e que ainda são delimitados para ambos na sociedade, que originam uma padronização de comportamentos, denominado de estereótipos sexuais e de gênero, os quais geralmente provocam preconceitos.

Pode-se inferir que o papel do docente consiste em buscar permanentemente estratégias pedagógicas para minimizar a exclusão por gênero.

PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: MINIMIZANDO O PRECONCEITO DE GÊNERO

Se olharmos para a história da Educação Física, é possível observar que a participação de meninas nas aulas de Educação Física era inaceitável até 1930. Até mesmo com a proposta de inserção da Educação Física no espaço escolar, era possível verificar o distanciamento que existia na concepção das práticas masculinas para as femininas. As diferenças entre o que era ensinado para ambos sofriam forte influência da cultura e do lugar social que era ocupado pelo os dois sexos, sendo a dança para o sexo feminino e a ginástica de calistenia para o sexo masculino. O currículo escolar era construído baseando-se nas diferenças de gênero. Meninas e meninos recebiam conteúdos diferentes nas aulas, com professores diferentes no intuito de evidenciar a visão de que a mulher era criada para constituir família, ser mãe e esposa, enquanto o homem para ser o provedor. Por isso, prática corporal como a dança era associada à delicadeza feminina, enquanto a ginástica contribuía para a imagem social do homem forte.

Tratando-se das práticas corporais, podemos definir como sendo toda manifestação corporal, independente do grupo ou do indivíduo. Carvalho (2006) caracteriza práticas corporais como:

Componentes da cultura corporal dos povos, dizem respeito ao homem em movimento, aos seus gestos e ao seu modo de se expressar corporalmente. Nesse sentido, agregam as mais diversas formas do ser humano de se manifestar por meio do corpo e englobam as duas racionalidades: a ocidental com as ginásticas, esportes e caminhadas e a oriental, com o tai-chi, yoga, lutas, etc. (CARVALHO, 2006, p. 02).

Dessa forma, observa-se que na Educação Física as práticas corporais estão intimamente ligadas ao contexto cultural, fator esse que contribui para fortalecer o viés da esportivização a partir da década de 1940 e a dificuldade da inserção do trabalhar aulas coeducativas no contexto escolar.

Atualmente, a Educação Física está integrada à proposta pedagógica das escolas e figura como um componente curricular cuja preparação não está centrada apenas no desenvolvimento de atividades físicas, mas num conjunto de ações integradas que geram equilíbrio ao praticante. Tem como objetivo principal desenvolver as práticas motoras dos educandos associadas ao desenvolvimento de habilidades de comunicação e o pensamento crítico, exercendo suas ações sociais, seu autodomínio, tornando-se criativo e preparado para o exercício da cidadania.

Contudo, ainda hoje, percebemos dificuldades e resistências por parte de professores, alunos e alunas, à prática conjunta nas aulas de Educação Física. Essas dificuldades e resistências configuram-se quando um aluno reclama da presença de meninas em aula ou ainda quando argumenta que, com isso, a aula se torna “pouco puxada”; as meninas, por sua vez, reclamam da presença de meninos na aula por que “eles nos incomodam e acham que sabem tudo melhor que nós porque assim nunca receberemos a bola.” (KUNZ, 1991, p.78). Do mesmo modo, tais expressões revelam uma tensão com as questões de gênero, coadunadas como “[...] construção social do sexo. Ou seja, como categoria analítica e política evidenciam que masculino e feminino são construções sociais e históricas” (GOELLNER, 2005, p.207).

Ao tratar das relações de gênero nas aulas de Educação Física, Sousa e Altmann (1999) apontam que apesar de atualmente o esporte ser apresentado como uma prática para homens e mulheres, independentemente da modalidade, ainda é um tema generificado e responsável por grande parte da construção das diferenças hierarquizadas no âmbito da Educação Física Escolar, considerando-se, contudo, categorias como gênero, força, idade e habilidade.

Em relação às formas de organização das aulas de Educação Física, no que se refere à constituição de turmas separadas por sexo, Dornelles e Fraga (2009) analisam as várias formas de separação no interior das aulas. Nesse sentido, os/as autores/as indicam a necessidade de um olhar mais aprofundado sobre as formas de organização em relação aos/as alunos/as, sem desprezar as separações como uma forma possível de configuração das relações de gênero,

tendo em vista que, para eles/as, as turmas mistas, por si só, não garantem o término das hierarquizações.

Ao se apoiar nos Estudos Culturais e de Gênero, os pesquisadores Neira, Santos Júnior e Santos (2009) ressaltam como a mídia, principalmente a televisiva, pode construir a noção de feminilidade através dos discursos empreendidos cotidianamente. Nesse sentido, os autores entendem a Educação Física Escolar como uma disciplina que pode promover ações pedagógicas, no sentido de proporcionar aos alunos uma reflexão crítica, de modo que haja um olhar cuidadoso sobre o que é apresentado como um corpo feminino na TV, favorecendo um processo de desconstrução das ideias impostas como verdadeiras.

Para Saraiva (2002), as práticas coeducativas na Educação Física Escolar, apontam para resultados satisfatórios, no que diz respeito à diminuição e eliminação das práticas hierarquizadas no Esporte e no Lazer, fato que enfatiza a necessidade de ações pedagógicas que considerem as relações de gênero. Nessa perspectiva, uma Educação Física Escolar Coeducativa promoveria a igualdade de valorização entre o masculino e feminino, assim como a percepção da existência de diferentes masculinos e diferentes femininos, todos eles passíveis de mérito e de valorização em variados contextos. Tal projeto igualitário tornaria as vivências corporais não enclausuradas no âmbito do que é ideal para meninos e para meninas, no que é aceito como habilidade e como competência para cada um dos sexos. Trata-se de uma perspectiva na qual a noção de habilidade é também desconstruída e, a partir disso, paradigmas e práticas da área de Educação Física Escolar são questionados.

Algumas práticas promovem discussões que favorecem a desconstrução desses paradigmas, como no caso do futebol e o futsal. Jesus e Devidé (2006) lançam o seguinte questionamento: passar a bola ou fazer o gol? Os autores supracitados defendem que o futsal é o esporte de enorme relevância para os brasileiros e é considerado uma “paixão nacional”, conseqüentemente, também é o esporte mais praticado nas escolas brasileiras.

Nesse sentido, cabe aqui um ponto de reflexão: pode o Futebol ser uma ferramenta de promoção das práticas coeducativas e de gênero dentro da escola? Tipicamente, observa-se que alunos e alunas permanecem juntos, refletem e trocam experiências nas aulas ditas “teóricas” do currículo escolar. Quando chegado o momento da aula prática de Educação Física acontece a divisão dos grupos pelo critério do sexo, ou seja, meninas e meninos são separados. A partir de então, meninos e meninas assumem suas funções pré-estabelecidas e realizam as atividades referentes à sua identidade biológica. Esse tipo de aula ressalta ainda mais o preconceito, pois aprofunda a ideia de que, por serem diferentes as práticas devem ser rotuladas para o feminino e o masculino, portanto, é uma aula generificadora. Acreditamos então que a coeducação como abordagem metodológica para a Educação Física pode contribuir na ação de interpretar o desporto e as atividades físicas numa perspectiva relacional de gênero, combatendo o sexismo, libertando alunos e alunas das amarras que determinam o que cada sexo pode vivenciar como práticas corporais (JESUS; DEVIDE, 2006).

No estudo desenvolvido por Oliveira *et al.* (2017), decorrente de uma das ações do projeto Pibid realizado em escolas públicas com estudantes do Ensino Fundamental, pode-se constatar que ao trabalhar a iniciação ao rugby com foco na interação entre meninos e meninas, primeiramente foi necessário educar a sensibilidade do estudante para o processo relacional de gênero por meio do diálogo que abordava a modalidade e, concomitantemente, o respeito que os praticantes devem ter com os seus pares. O mesmo procedimento foi efetivado posteriormente, quando os autores relatam que introduziram o ballet em aulas coeducativas. Essa ação facilitadora tornou a intervenção significativa para que os alunos identificassem a diferença nas aulas de Educação Física, desde a forma na qual os meninos se relacionam com as meninas até como contributo para perceber a diferença na estrutura corporal de ambos.

As resistências percebidas, grande parte decorrentes da cultura local, decorrentes diretamente da construção do conceito social de gênero, foram minimizadas quando a

modalidade esportiva pode ser praticada com prazer por todos. A partir da intervenção, foi possível reconstruir o conceito de gênero, superando, desse modo, um problema que havia nas aulas de Educação Física e que causava insatisfação nas práticas esportivas e na relação entre meninos e meninas (OLIVEIRA *et al.*, 2017).

Sendo assim, pode-se inferir que a inserção do rugby como norteador para aprimorar os aspectos relacionais de gênero, por ser uma modalidade que intensifica o contato físico, tem por dominância o respeito como seu principal valor e permite acompanhar a evolução de todos os alunos, seja menino ou menina, no esporte.

Entende-se que a inserção do ballet, assim como de outras modalidades, discutidas por Oliveira *et al.*, (2017), também permitem aprimorar as relações relativas à temática de gênero. Nesse rol os autores incluem a ginástica - modalidade até então comparada com a prática feminina - e lutas que associavam técnicas de kickboxing e jiu-jítsu. Todas essas modalidades foram trabalhadas pelos autores de modo que envolvessem duplas de ambos os sexos, para que pudessem experimentar a relação de respeito, ao mesmo tempo em que permitiam confrontar a diversidade sociocultural que permeia a identidade do feminino e do masculino.

Conforme Saraiva (2005), os professores devem trabalhar diferenças e diversidades de gênero nas práticas das aulas, considerando essencial que a práxis pedagógica tenha finalidade educativa e inclusiva. Conseqüentemente, a Educação Física deve ser compreendida como um espaço democrático dentro da concepção escolar.

Sendo assim, a discussão referente à temática de gênero nas aulas de Educação Física, minimizam as questões sexistas. A coeducação considera a equidade entre meninos e meninas, porém isso não quer dizer que as mesmas atividades devem ser realizadas ao mesmo tempo por ambos os sexos (COSTA; SILVA, 2002). Em decorrência, a Educação Física coeducativa promove a relação entre meninos e meninas em detrimento da hierarquia de poder ou a supressão do feminino sobre o masculino, que incentivam a guerra dos sexos.

Saraiva (2005, p.181) ressalta:

Torna-se importante trazer para o campo das discussões e possibilidades pedagógicas as questões [...] como: os papéis sexuais estereotipados, os anseios irracionais de dominação dos homens, a opressão tradicional da mulher e, principalmente a ameaça ao direito de melhores condições e igualdade dos seres humanos no esporte e na Educação Física.

Ainda que várias escolas e professores venham trabalhando em regime de coeducação, a Educação Física parece ser uma área onde as resistências ao trabalho integrado persistem, ou melhor, onde as resistências provavelmente se renovam, a partir de outras argumentações ou de novas teorizações.

[...] separar meninos e meninas nas aulas [...] é tornar as fronteiras das divisões de gênero mais rígidas do que de fato são e negar a meninas e meninos a possibilidade de cruzá-las; é furtar-lhes de antemão a possibilidade de escolha entre estarem juntos e separados (ALTMANN, 1998, p.103).

Dentro da escola, principalmente nas aulas de Educação Física, um dos fatores que fortalece as diferenças entre meninos e meninas é o trato pedagógico que é dado no conteúdo das aulas. Para Altmann (1998) há uma grande evidência de que o esporte é uma atividade predominantemente masculina e de fundamental importância na construção da identidade deste gênero, ou seja, é importantíssimo que os educadores proporcionem atividades que ofereçam condições aos educandos de superarem as relações de gênero e não o contrário, como geralmente acontece com o esporte. De acordo com Altmann (1998), a separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física durante anos, foi um dos diversos motivos que reforçou as diferenças de gênero e também não preparou os educadores para atuar em grupos mistos, numa perspectiva de romper as barreiras criadas entre meninos e meninas.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico-exploratória, do tipo revisão integrativa.

O estudo bibliográfico, segundo Lakatos e Marconi (2010) é efetivado a partir de referências teóricas já analisadas e publicadas, tais como livros, artigos, monografias e revistas. Tal tipologia de estudo requer planejamento tendo com teoria inicial um ponto de investigação com argumentos fundamentados a fim de esclarecer o fenômeno a que se quer explicar.

Foram utilizados os seguintes descritores: predomínio do conteúdo desportivizante, conveniência do fazer pedagógico em Educação Física escolar, influência cultural do masculino se sobrepondo ao feminino, práticas docentes que promovem o respeito às diferenças de gênero.

Foram utilizados artigos, disponibilizados na base de dados da SciELO e livros. As publicações foram do período de 2007 a 2017, no idioma português.

Para a coleta de dados foi elaborado um roteiro semiestruturado, contendo dados da identificação e ano de publicação, população pesquisada, objetivo do estudo, intervenção pedagógica, das categorias abordadas pelo autor. A coleta dos dados ocorreu no decorrer dos meses de fevereiro a julho de 2018.

Após a identificação da literatura, foram analisados os textos na íntegra para verificar se atendiam aos objetivos do estudo. Em sequência foi aplicado os critérios de inclusão e exclusão, sendo que os que atenderam aos critérios de inclusão passaram a constituir o corpus da pesquisa.

A análise dos dados mediante a revisão integrativa, possibilitou a aproximação e a apropriação da problemática explorada, bem como permitiu compreender o cenário construído e interpretado pela literatura específica da área, simultaneamente, identificar possíveis

evidências das ações que já foram utilizadas frente a uma determinada temática (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011).

APRESENTAÇÃO DE DADOS

A busca da produção científica realizada na base de dados SCIELO, mediante o uso associado dos descritores Educação Física Escolar; Esporte; Gênero; Inclusão; no idioma português, obteve como resultado 29 publicações, sendo que seis atenderam plenamente os critérios estabelecidos, sendo todos em formato de artigo.

O quadro 1 caracteriza a produção científica estudada de acordo com os dados da identificação e ano de publicação, população pesquisada, objetivo do estudo, intervenção pedagógica, das categorias abordadas pelo autor.

Quadro 1 – Distribuição da produção científica: obra, ano, autor, participante e metodologia/intervenção.

Título da obra	Autor/ Ano	Participantes	Metodologia/Intervenção
A temática do gênero nas aulas de Educação Física do ensino Médio: pesquisa e intervenção em escolas da cidade de São Carlos.	Haertel, Bianca (2007)	Ensino Médio de escolas da cidade de São Carlos	10 aulas, sendo que destas, cinco aulas de cada turma foram observadas e nas outras cinco aulas realizaram-se intervenções. Entrevistas semiestruturadas com os (as) adolescentes e o respectivo (a) educador (a) de Educação Física. Organizado em forma de categorias temáticas.
Gênero nas aulas de Educação Física: investigando o Comportamento dos estudantes	Gonçalves, Eduarda (2017)	Quatro crianças com idades entre 11 e 12 anos, de ambos os sexos, estudantes do quinto ano de uma escola estadual de Florianópolis (SC).	Caráter qualitativo de investigação, pois este se preocupa com o aprofundamento da compreensão de um grupo social. Para a coleta de dados, optou-se por utilizar a entrevista semiestruturada.
Coeducação e relações de gênero na Educação Física Com estudantes do ensino médio	Crocetta, Renata (2013)	36 alunos de uma escola de educação básica, localizada em Orleans, SC, sendo 25 do sexo feminino e 11 do sexo masculino, com idades entre 14 e 18 anos.	Aulas coeducativas de futsal por duas semanas de duração, perfazendo um total de 6 horas/aula. -Sobre a realização da pesquisa “As propostas se subdividiram em seis objetivos compostos por seis propostas metodológicas”. -Primeiro dia -Segundo dia -Demais dias

			<p>-Sobre as entrevistas realizadas</p> <p>-Perguntas foram feitas aos alunos participantes.</p> <p>“O que você achou das aulas de Futsal Coeducativas?”</p> <p>“Vantagens desse tipo de aula”.</p> <p>“Desvantagens”.</p> <p>“Foram questionados se as aulas coeducativas de Educação Física conseguem representar como a sociedade de hoje atua onde homens e mulheres trabalham juntos”.</p> <p>“Opinião dos alunos sobre se gostariam se as aulas continuassem”.</p>
Representações de docentes acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de Educação Física	Louzada, Mauro (2007)	Estudantes de colégio público do estado do Rio de Janeiro	<p>A análise dos dados da entrevista em grupo focal e dos registros da observação participante.</p> <p>21 aulas de Educação Física, sendo nove com turmas mistas, uma com turma separada, três com turmas flexibilizadas, em que a aula iniciava com turma mista e depois a aula continuava com turma separada por sexo; e oito aulas livres.</p>
Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de Educação Física	Duarte, Cátia Pereira; Mourão, Ludmila (2007)	12 adolescentes do sexo feminino	<p>-Perfil A – menina que fazia as aulas e gostava de praticar as atividades;</p> <p>-Perfil B – menina que fazia as aulas, mas variava comportamentos de indiferença e Representações de adolescentes femininas frente às atividades.</p> <p>-Perfil C – menina que não participava das aulas e demonstrava insatisfação durante as aulas de Educação Física.</p> <p>“Percepção da Educação Física escolar”.</p> <p>“Como gostariam que as aulas de Educação Física acontecessem”.</p> <p>“O que achavam que os meninos pensavam sobre elas”.</p> <p>“O que as outras meninas pensavam sobre”.</p> <p>“Critérios de seleção mais utilizados por elas na hora de escolher os times nas aulas”.</p> <p>“Oportunidades de participação dos alunos nas aulas de Educação Física”.</p> <p>“Possibilidade das atividades e dos critérios de seleção das suas aulas respeitarem um ou outro sexo, ou até mesmo os dois”.</p> <p>80 aulas de Educação Física (dois meses), em quatro escolas públicas municipais do Rio de Janeiro.</p>
Gênero na educação infantil: dançando sem tabus	Burckardt, Eduarda (2017)	Educação Infantil do Centro de Educação Básica Francisco de Assis – EFA.	<p>Deu-se por meio de debates onde as ideias eram problematizadas e as decisões para compor a coreografia iam sendo tomadas em conjunto. As crianças se organizaram em três grupos: marinheiros, peixes e sereias – por</p>

			vontade própria. Havia nos grupos participantes de ambos os sexos.
--	--	--	--

O Quadro 2 caracteriza o objetivo da pesquisa, os resultados encontrados e as categorias temáticas.

Quadro 2 – Distribuição da produção científica: objetivo, resultados e categorias temáticas.

Autor/Ano	Objetivo de Pesquisa	Resultados Encontrados	Categorias Temáticas
Haertel/ 2007	Observar como as relações socioculturais de gênero no âmbito das aulas de Educação Física Escolar podem interferir na participação feminina nas aulas desta disciplina ou no abandono dessa prática.	As educandas ainda não encontram condições que as incentivem a participar das aulas de Educação Física, geralmente porque os conteúdos ainda muito se restringem aos esportes coletivos, e por essa razão não agradam e não motivam a participação delas.	Em relação aos discentes “Esportivização da Educação Física Escolar” “É possível jogarmos juntos” “Razões pelas quais às vezes não há participação nas aulas” “Educação Física para sair da rotina da escola” -Em relação aos docentes: “Esportivização da Educação Física Escolar” “É possível jogarmos juntos” “Razões pelas quais as vezes não participa das aulas” “Objetivos da Educação Física”.
Gonçalves/ 2017	Investigar as relações estereotipadas entre meninos e meninas evidenciadas durante a realização do Estágio Supervisionado em Educação Física Escolar.	Os alunos trazem consigo significados sobre as aulas de Educação Física. Cada um possui sua perspectiva, positiva ou negativa, que foi construída de acordo com suas experiências. Os alunos só participavam juntos quando a professora ministrava um conteúdo específico, como a queimada, por exemplo. Quando os alunos tinham liberdade de escolher a prática que quisessem nas aulas livres, geralmente escolhiam participar	“Conteúdos e estereótipos”. “Influência dos pais no incentivo a práticas corporais”. “Conteúdo ministrado pela professora”. “Será que naquele bimestre o planejamento da professora era esse?” “Relação entre os estudantes nas aulas de Educação Física”:

		separados. Meninos apresentam ser mais habilidosos por terem mais vivências motoras. Professor como responsável por diversificar os conteúdos.	“Os meninos foram questionados se existe diferença entre meninos e meninas”.
Crocetta/ 2013	Desenvolver as ações desportivo-motoras dos educandos e dar abertura as suas habilidades de comunicação, exercendo suas ações sociais, seu autodomínio, tornando-se criativo e preparado para o exercício da cidadania.	Resistência dos alunos diante das aulas coeducativas por estarem acostumados apenas com aulas mistas. Diante da realização de algumas aulas, essa resistência foi se perdendo, as meninas tomaram gosto pelas aulas, já os meninos preferiam aulas mistas, por não gostarem de jogar com as meninas, mesmo assim não deixaram de participar das aulas coeducativas. A rejeição de alguns meninos não se deu pelo fato de não gostarem da proposta da aula, mas sim por acharem que as meninas não apresentam as mesmas condições de jogo.	-Sobre a realização da pesquisa “As propostas se subdividiram em seis objetivos compostos por seis propostas metodológicas”. -Primeiro dia -Segundo dia -Demais dias -Sobre as entrevistas realizadas -Perguntas foram feitas aos alunos participantes. “O que você achou das aulas de Futsal Coeducativas?” “Vantagens desse tipo de aula”. “Desvantagens”. “Foram questionados se as aulas coeducativas de Educação Física conseguem representar como a sociedade de hoje atua onde homens e mulheres trabalham juntos”. “Opinião dos alunos sobre se gostariam se as aulas continuassem”.
Louzada/ 2007	Identificar as representações de professores de Educação Física de um colégio público do estado do Rio de Janeiro acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas.	Identificamos uma predominância das turmas mistas e das aulas livres. Quando os professores deixam os alunos livres para fazerem o que querem, esses tendem a separar-se por sexo. Os professores ora trabalham com turmas mistas, ora deixam os alunos livres, o que acaba gerando a separação de alunos por sexo e habilidade motora.	“Visão dos autores”. “A análise dos dados da entrevista em grupo focal e dos registros da observação participante”. “Observação participante”.
Duarte; Mourão/ 2007	Investigar as representações de escolares do 4º Ciclo sobre os critérios de seleção utilizados para sua participação em aulas mistas.	Mesmo constando para a Secretaria Municipal de Educação que as aulas de Educação Física nas escolas eram co-educativas	-Perfil A – menina que fazia as aulas e gostava de praticar as atividades;

		<p>(meninos e meninas integrados em aulas mistas), na pesquisa de campo, verificamos que, na prática cotidiana das escolas, os professores burlam esta determinação e ora separam os meninos das meninas, ora põem todos juntos, dependendo das conveniências dos professores. Isto significa que quando a escola possuía mais de um espaço destinado às aulas de Educação Física, os meninos ficavam em um espaço e as meninas em outro. E quando só existia um espaço para as aulas, o tempo de aula era dividido, primeiro com a ocupação de meninos e depois de meninas.</p>	<p>-Perfil B – menina que fazia as aulas, mas variava comportamentos de indiferença e Representações de adolescentes femininas frente às atividades.</p> <p>-Perfil C – menina que não participava das aulas e demonstrava insatisfação durante as aulas de Educação Física.</p> <p>“Percepção da Educação Física escolar”.</p> <p>“Como gostariam que as aulas de Educação Física acontecessem”.</p> <p>“O que achavam que os meninos pensavam sobre elas”.</p> <p>“O que as outras meninas pensavam sobre”.</p> <p>“Critérios de seleção mais utilizados por elas na hora de escolher os times nas aulas”.</p> <p>“Oportunidades de participação dos alunos nas aulas de Educação Física”.</p> <p>“Possibilidade das atividades e dos critérios de seleção das suas aulas respeitarem um ou outro sexo, ou até mesmo os dois”.</p>
Burckardt/2017	<p>Analisar uma situação vivida em uma turma da Educação Infantil do Centro de Educação Básica Francisco de Assis- EFA, com o desejo de reflexão sobre as questões de gênero debatidas na escola, pelo viés da dança.</p>	<p>Com essas observações e reflexões foi possível perceber que as crianças durante a realização do projeto Folcloreando. Durante as aulas não tiveram preconceito em escolher seus personagens e se inserirem na coreografia. Percebe-se que a criança vai se constituindo conforme suas interações e inter-relações, e que seus conceitos e preconceitos são trazidos de seu meio, e das atitudes que a família e sociedade querem que representem. Se na escola estes conceitos são reforçados, podemos estar</p>	<p>“A dança e a expressão corporal como meio de estudo desde a educação infantil até o ensino médio”.</p> <p>“Tema: Descortinando Ritmos: Brasilidades, o que trouxe como norte o Folclore que orientou a pesquisa”.</p> <p>“Nas aulas com a pedagoga, as crianças têm liberdade de escolha com o que querem brincar (carrinhos, bonecas...)”.</p>

		incentivando os preconceitos.	
--	--	-------------------------------	--

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir da literatura investigada foi possível identificar categorias que contribuíram para tornar mais efetiva a compreensão de como a categoria de gênero vêm sendo trabalhada nas aulas de Educação Física escolar. Essas categorias foram: 1) Predomínio do conteúdo desportivizante, 2) Conveniência do fazer pedagógico em Educação Física, 3) Influência cultural do masculino se sobrepondo ao feminino, 4) Práticas docentes que promovem o respeito às diferenças de gênero, que serão discutidas separadamente para possibilitar de maneira mais didática, se a prática da Educação Física tem sido inclusiva ou excludente.

PREDOMÍNIO DO CONTEÚDO DESPORTIVIZANTE

Diante dos estudos analisados pode-se inferir que nos dias atuais ainda há prevalência da tendência pedagógica da Educação Física desportivizante como fundamento das práticas docentes, como defendido por Gonçalves (2017), que relata que o esporte, ainda é o principal conteúdo utilizado pelos professores na escola, sendo que a abordagem docente abarca características do esporte competitivo, que exige alto nível de exigência física e técnica.

Nessa mesma perspectiva, Caparroz (2005) em suas análises sobre a intervenção docente alerta que o esporte como elemento de manifestação da cultura corporal deve sofrer um tratamento pedagógico que o diferencie o “esporte da escola” do “esporte na escola”.

Pode-se inferir, portanto, que esse tipo de postura docente, que não aplica a didatização ao esporte no meio escolar, reforça a discriminação por gênero. “A visão dos meninos sobre as

meninas é que elas não possuem habilidade e que logo vão atrapalhar eles a jogarem” (GONÇALVES, 2017, pp.29-30). Também foi relatado por Haertel *et al.* (2007, p.10), que “A força dos meninos é considerada como o maior empecilho para as aulas mistas” e que “Com viés machista, os meninos afirmam que as meninas não sabem, porque não praticam bastante” (HAERTEL *et al.*, 2007, p.11).

Observa-se que o preconceito ainda sobrepõe à questão de gênero, pois contribui para depreciar os meninos que não possuem características atléticas “Meninos também são excluídos de atividades por serem mais novos ou menos habilidosos” (GONÇALVES, 2017, p.30).

Desse modo, pode-se constatar que a Educação Física que prioriza o esporte, reforça os estereótipos que estão articulados ao corpo masculino, como sendo a representação do sexo forte e, no caso do corpo feminino, como representação do sexo frágil.

Esse fato é decorrente da própria história da sociedade, e por extensão, da Educação Física, que reafirma essa assertiva reportando a inserção tardia da participação feminina em competições que apresentam uma visibilidade a nível mundial, tais como os jogos olímpicos, o que demonstra que as relações entre gêneros são conflituosas em diversas esferas sociais.

A separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física desconsidera a articulação do gênero com outras categorias, a existência de conflitos, exclusões e diferenças entre pessoas do mesmo sexo, além de dificultar a relação entre eles.

Percebeu-se que os conflitos, conforme no relato de experiência pibidiana durante o desenvolvimento das atividades que abordavam o rugby como conteúdo da Educação Física, por vezes, surgiam como atitude das próprias meninas que se excluía das aulas por acreditarem ser um esporte masculino.

No entanto, também se observou que a abordagem docente potencializava um determinado esporte como sendo apropriado para o masculino ou feminino, pois o mesmo aconteceu em relação ao afastamento dos meninos na ocasião que foi ministrado o ballet.

Nas aulas de Educação Física o processo de educação é, igualmente, mais explícito e evidente. Ainda que várias escolas e professores as venham trabalhando em regime de co-educação, a Educação Física parece ser a área em que as resistências ao trabalho integrado persistem, onde as resistências provavelmente se renovam, a partir de outras argumentações ou de novas teorizações (LOURO, 2003, p.72).

CONVENIÊNCIA DO FAZER PEDAGÓGICO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Constatou-se, também, nos estudos explorados, que as aulas de Educação Física eram moldadas de acordo com a conveniência docente, tanto no que dizia respeito ao espaço que existia para o desenvolvimento das aulas, quanto também pela preferência do próprio professor a um determinado conteúdo, desconsiderando, por vezes, o interesse do estudante.

No estudo analisado por Haertel *et al.* (2007), por exemplo, podemos verificar que: as educandas ainda não encontram condições que as incentivem a participar das aulas de Educação Física, geralmente, porque os conteúdos ainda se restringem aos esportes coletivos, que são desenvolvidos na quadra e, por essa razão, não agradam e não motivam a participação delas. As estudantes declaram, inclusive, que gostariam que fossem ministrados outros conteúdos nas aulas de Educação Física, e, dessa forma, terem ampliadas as suas experiências motoras e culturais.

Em casos nos quais a escola possuía mais de um espaço destinado às aulas de Educação Física, Gomes (1995) declarou que a utilização do espaço era pretexto para possibilitar a separação sexista, pois os meninos ficavam em um espaço e as meninas em outro. O ensejo da “apartheid” por gênero era ratificado quando só existia um espaço para as aulas. A atitude

docente consistia em dividir o tempo de aula, primeiro com a ocupação de meninos e depois de meninas. Até nessa perspectiva da separação por tempo, prevalece o masculino.

Gomes (1995), ao estudar o pátio de escolas, observou que os meninos ocupavam 10 vezes mais espaços do que as meninas, principalmente os espaços esportivos. Grugeon (1995) entende que, com um simples olhar no pátio do recreio, é possível observar agrupamentos de meninas que demonstram certa intimidade e meninos correndo de um lado para o outro. Isso é observado nas escolas onde os meninos ocupam mais as quadras esportivas. No caso de não ocuparem as quadras, utilizam mais os espaços que possibilitam movimentos como a corrida ou ainda fortes chutes na bola de um canto a outro. Enquanto isso, as meninas formam grupos menores e de maneira mais sedentária, sentadas ou em pé.

Segundo Altmann (1998, p.26), “o esporte é um meio de os meninos exercerem domínio do espaço da escola, destacando que as meninas resistem a essa dominação realizando brincadeiras ou jogos de jogos não esportivos e, geralmente, não jogam futebol”.

Notou-se que os conteúdos proporcionados nas aulas de Educação Física, como também a reconfiguração do espaço, seja feita pelos docentes ou pelos estudantes, parecem contribuir para que os estereótipos sexistas sejam reforçados. Com isso, é possível perceber o quanto importante é a diversificação dos conteúdos por parte do professor, juntamente com uma abordagem pedagógica que problematize e faça os alunos refletirem sobre problemas ou dificuldades que surgirem durante a aula.

Exemplo disso é percebido na divisão do espaço nas aulas de Educação Física quando a quadra (normalmente usada para o futsal) fica, na maioria das vezes, para uso dos meninos. Assim, é importante salientar que se talvez tivéssemos escolhido o voleibol como tema, poderiam ser as meninas que reclamariam da falta de habilidade dos meninos.

A maioria das meninas reconhecia que, se tivesse mais tempo para treinar e mais alternativas de participação, sem valorização de alguns conteúdos sobre outros, sem a cobrança

exacerbada das habilidades técnicas, a aula seria mais motivante (DUARTE; MOURÃO, 2007, p.51).

Quando perguntados sobre quais conteúdos da Educação Física eram vivenciados nas aulas, os alunos responderam que a professora ministrava vôlei, futebol, queimada e atividade livre (GONÇALVES, 2017, p.28).

Diante dos achados nesta categoria que discute a “conveniência do fazer pedagógico em Educação Física escolar” podemos nos respaldar em Louro (2001, pp.127-128) que afirma que as meninas, desde de criança, ocupam um “espaço corporal pessoal muito limitado”, que lhes atribui o que a autora denomina de “timidez corporal”. No entanto, a autora também nos faz refletir sobre as atitudes dos meninos que detêm o poder sobre o domínio espacial. Considera-se, portanto, que cabe ao docente ficar atento às questões de gênero e, também, problematizar a situação para encontrar possibilidades de igualdade com relação ao uso dos espaços no ambiente escolar.

INFLUÊNCIA CULTURAL DO MASCULINO SE SOBREPONDO AO FEMININO

Pais e familiares são os primeiros grupos sociais que a criança convive. Nesse sentido, as crenças desse grupo serão passadas para estes desde o seu nascimento. Se os pais possuem um discurso discriminante e sexista, acreditando que futebol é coisa de menino e ginástica coisa de menina, a criança provavelmente irá aderir às práticas de Educação Física que se aproximem dessas características.

Romero (1990) compactua com essa afirmação, quando diz que:

Meninos e meninas têm suas vidas delineadas a partir das expectativas de seus pais, expectativas essas que variam de um sexo para outro. Assim, uma criança cresce, comportando-se de acordo com os padrões culturais e históricos dentro dos quais é educada (ROMERO, 1990, p.1).

Gomes (1995), por sua vez, afirma que a presença de adultos entre crianças pode diminuir a separação de gênero, pois, ao incentivarem a prática conjunta de meninos e meninas, os comentários pejorativos provenientes dessa interação são minimizados.

Burckardt *et al.* (2017) deixa isso claro também:

Percebe-se que a criança vai se constituindo conforme suas interações e inter-relações, e que seus conceitos e preconceitos são trazidos de seu meio, e das atitudes que a família e sociedade querem que representem. A ideia de que “menino não brinca de boneca” ou de que “menina não joga futebol”, é o reflexo da sociedade que vivemos (BURCKARDT *et al.*, 2017, p. 4).

Vale destacar, que dentre as etapas de escolaridade, a educação infantil é a que se mostra mais inclusiva em relação à temática de gênero, pois a criança não sofre tanto com a diversidade cultural adquirida através do convívio com o seu meio. Todavia, conforme se avança na escolaridade, percebe-se que os estereótipos vão se produzindo e são inculcados por atitudes que estão relacionadas para além do fazer pedagógico docente, como aquelas que são derivadas das decisões de familiares e amigos.

Essa situação nos faz pensar que a construção de gênero não pode ser definida por uma ideia estática e definida por alguns grupos, as crianças às vezes não enxergam isso, a não ser quando o adulto já embutiu a ideia, não levando em conta a colocação da criança (BURCKARDT *et al.*, 2017, p.3).

Um fator que contribui para reforçar a separação dos alunos nas aulas de Educação Física é a diferença de habilidade e capacidade motora entre meninos e meninas, onde a menina é vista com pouca habilidade e o menino como naturalmente habilidoso.

No estudo de Louzada *et al.* (2007, pp.59-60) encontra-se o relato de uma professora que ora separa as turmas, ora ela junta todos os alunos. Como justificativa, ela defende que os meninos “precisam gastar toda a energia, já as meninas ficam doidas para que a aula acabe”. Então, continua a professora, “tem que ensinar para as meninas, porque os meninos a gente não precisa ensinar, já vêm prontos, em alguns momentos nós separamos”.

Pergunta aos meninos, referente a jogar com as meninas. Alguns não viam problema, já outros alegavam que elas só sabiam chutar a canela, concluindo que elas não tinham

habilidade e que não era interessante jogar com alguém menos habilidoso (GONÇALVES, 2017, p. 32).

Em alguns casos pode-se perceber que as meninas que se destacavam entre as demais e participavam das aulas ativamente eram vistas com inveja ou desprezo por suas colegas, isso acontecia da mesma forma com os meninos, ficando caracterizado que quem sabe jogar tem mais facilidade de se enturmar – fazer amigos. Aqueles que são menos hábeis acabam sofrendo *bullying*. Constata-se que “Os critérios agradavam o sexo que detivesse as habilidades exigidas pelo sistema” (DUARTE; MOURÃO, 2007, p.50).

Durante o decorrer das observações feitas das aulas de Educação Física, pode-se perceber que quando a aula era livre, o que geralmente acontecia era a divisão entre os meninos e meninas, que realizavam a aula separadamente. Sobre essa divisão em grupos nas aulas de Educação Física, Silva (2003) relata que:

O que comumente acontece nas aulas mistas [...] é que se formam dois grupos, um de meninas que jogam vôlei (esporte mais suave) e outro de meninos que jogam futebol (esporte agressivo). Assim, uma aula ‘mista’ acaba tratando meninos e meninas de maneira diferenciada e impedindo que todos os alunos vivenciem as mais variadas atividades (SILVA, 2003, p. 26).

Nesse sentido, percebe-se que as aulas de Educação Física são produzidas para atender a um determinado gênero ou a outro, sendo influenciada pela cultura local no que concerne ao entendimento das práticas que são direcionadas ao público masculino e ao feminino. Ressalta-se, contudo, que a atividade física é culturalmente apresentada para o homem como algo da sua própria natureza, sendo ainda, grande parte dessas atividades promovidas em espaços de ocupação pública para a sociedade.

No caso da mulher, que no imaginário social é criada para constituir família e cuidar da prole, a atividade física não é ofertada da mesma forma. Esse fato expropria as possibilidades da mulher de vivenciar de maneira natural, culturalmente falando, as habilidades motoras que são requeridas por práticas da Educação Física.

PRÁTICAS DOCENTES QUE PROMOVEM O RESPEITO ÀS DIFERENÇAS DE GÊNERO

Dentro da escola, principalmente nas aulas de Educação Física, um dos fatores que fortalece as diferenças entre meninos e meninas é o conteúdo das aulas. Para Altmann (1998) há uma grande evidência de que o esporte é uma atividade predominantemente masculina e de fundamental importância na construção da identidade deste gênero, ou seja, é importantíssimo que os educadores proporcionem atividades que ofereçam condições aos educandos de superarem as relações de gênero e não o contrário, como geralmente acontece com o esporte.

De acordo com Altmann (1998), a separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física durante anos, foi um dos diversos motivos que reforçou as diferenças de gênero e também não preparou os educadores para atuar em grupos mistos, numa perspectiva de romper as barreiras criadas entre meninos e meninas:

[...] separar meninos e meninas nas aulas [...] é tornar as fronteiras das divisões de gênero mais rígidas do que de fato são e negar a meninas e meninos a possibilidade de cruzá-las; é furtar-lhes de antemão a possibilidade de escolha entre estarem juntos e separados (ALTMANN, 1998, p.103).

De acordo com Altmann (1998, p.101), “a postura docente é uma referência que define como meninas e meninos agem e se relacionam entre si”. Meninos e meninas nem sempre reagem da mesma forma à intervenção docente, uma vez que os meninos desobedeciam mais às normas escolares e as do professor do que as meninas. São inúmeros os conflitos e as dificuldades dos educadores no enfrentamento das questões de gênero presentes na cultura escolar, especialmente nas aulas de Educação Física, que se trata de valores e normas culturais que se transformam muito lentamente.

É papel do professor proporcionar para meninos e meninas uma diversidade de vivências de forma igualitária nas aulas de Educação Física, promover reflexões sobre o respeito às diferenças, a ser crítico e não preconceituoso. Atentar-se aos possíveis problemas que surgirem e proporcionar experiências diversificadas. Uma das possibilidades para lidar com essas situações seria desenvolver as aulas de Educação Física sob uma perspectiva coeducativa. Aulas essas que muitas vezes são registradas que estão sendo feitas, mais na prática não é bem assim que acontece.

Inicialmente, faz-se necessário apontar que, mesmo constando para a Secretaria Municipal de Educação que as aulas de Educação Física nas escolas eram co-educativas (meninos e meninas integrados em aulas mistas), na pesquisa de campo, verificamos que, na prática cotidiana das escolas, os professores burlam esta determinação e ora separam os meninos das meninas, ora põem todos juntos, dependendo das conveniências dos professores (DUARTE; MOURÃO, 2007, p.51).

Entende-se que por meio da diversificação dos conteúdos, reconhecimento e aceitação das suas próprias habilidades e oportunidades iguais para meninos e meninas, poderá ser suscitada a transformação das relações estereotipadas entre eles e elas durante as aulas de Educação Física e nas demais situações de convívio.

Louzada *et al.* (2007, p. 62) afirma que a exclusão se dá por diferentes vias. Em alguns casos, quando eram criadas estratégias mudando algumas regras para maior participação das meninas nas aulas. Contextualizando este tipo de exclusão, Louro (2003, p.103) evidencia que uma maneira notável de separação de meninos e meninas que fortalecem a ideia que as meninas são menos habilidosas que os meninos, ocorrem quando o educador permite que sobrevenha a adaptação das atividades propostas que possibilitem que as pessoas que são consideradas menos habilidosas possam participar. Esse fato restringe o processo de coeducação, pois não permite que sejam observados os pontos positivos e negativos da prática das meninas, nem tão pouco haja equilíbrio entre ambos os sexos, pois devem coexistir sem tais diferenciações sociais.

Sendo assim, o professor precisa estar atento ao tratamento com as meninas, assim como existem meninas menos habilidosas existem meninos também. Mesmo estando na mesma

turma, a maioria dos professores ainda carregam consigo atitudes de atividades separadas, beneficiando sempre um dos sexos, usando como critério de seleção, os alunos mais habilidosos.

Critérios de seleção mais utilizados por elas na hora de escolher os times nas aulas. As meninas dos Perfis A, B e C afirmaram que preferiam as meninas que sabiam jogar – e em seguida escolhiam as menos habilidosas, porém mais amigas. As seleções eram feitas seguindo o exemplo das professoras, no caso começando pelas mais habilidosas (DUARTE; MOURÃO, 2007, pp.48-49).

O professor aparece como principal mediador, tanto no que diz respeito à criação de estratégias que promovam a participação de todos, sem discriminação de gênero, como também reforçando o sexismo.

Diante do exposto, é preciso haver maior comprometimento dos professores de Educação Física a respeito do entendimento das diferenças entre os meninos durante as aulas mistas, fazendo com que quebrem as barreiras, que possibilitem a manifestação entre os adolescentes das suas diferenças culturais e, quando necessário, intervenha de maneira a contribuir para o desenvolvimento sócio afetivo, motriz, cognitivo, como também, e não menos importante, para a disruptura do preconceito de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se com o desenvolvimento do presente estudo, que ao tratar a temática de gênero, que cada aluno traz consigo significados diferentes sobre as aulas de Educação Física, podendo ser uma perspectiva positiva ou negativa. Essas representações das aulas de Educação Física são construídas, de acordo com suas experiências ao longo da sua vida, mas, sobretudo, reforçadas ou desestabilizadas pelas relações produzidas no espaço escolar.

Fica claro que a ênfase explicitada pelo conceito de gênero à construção social das diferenças sexuais não se propõe a desprezar as diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres, mas considera que, com base nestas, outras são construídas.

Sobre as formas de distribuição dos alunos por sexo nas aulas de Educação Física, identificamos uma predominância das turmas mistas e das aulas livres. Quando os professores deixam os alunos livres para fazerem o que querem, esses tendem a separar-se por sexo. Os professores ora trabalham com turmas mistas, ora deixam os alunos livres, o que acaba gerando a separação de alunos por sexo e habilidade motora.

De acordo com os estudos analisados, entende-se que as aulas coeducativas promovem uma melhor compreensão das relações de gênero. Nos estudos selecionados para a realização deste trabalho pode-se observar que quando as aulas coeducativas são propostas, inicialmente, nota-se uma grande resistência dos estudantes de ambos os sexos, mesmo quando já havia proposição de aulas mistas, devido ao fato de que, subliminarmente, os meninos e as meninas fazem atividades separadas. No entanto, a inserção das aulas coeducativas foi alterando esse panorama, vencendo as resistências e aumentando a adesão de estudantes que antes não participavam das aulas.

Destaca-se que a rejeição de alguns meninos não foi em relação à proposta de aula coeducativa em si, mas pelo fato de que as meninas não apresentam as mesmas condições de jogo porque as mesmas não têm o hábito de praticar o esporte. Exemplo disso é percebido na divisão do espaço nas aulas de Educação Física quando a quadra (normalmente usada para o futsal) era destinada, na maioria das vezes, para uso dos meninos. Assim, é importante salientar que se talvez tivéssemos escolhido a dança, poderiam ser as meninas que reclamariam da falta de habilidade dos meninos.

Com isso, é possível perceber o quão importante é a diversificação dos conteúdos por parte do professor, juntamente com uma abordagem pedagógica que problematize e faça os

alunos refletirem sobre problemas ou dificuldades que surgirem durante a aula. É papel do professor proporcionar um amplo leque de vivências de forma igualitária para meninos e meninas nas aulas de Educação Física. O professor precisa estar atento ao tratamento com todos os estudantes não os diferenciando por gênero e, muito menos por habilidade motora.

Conclui-se que as aulas de Educação Física são importantes instrumentos para incutir o respeito na formação humana com o intuito de possibilitar a socialização no âmbito geral e, assim, um planejamento didático que venha ao encontro de todos trabalharem juntos, independentes do sexo, possibilita que as atividades desse componente curricular sejam capazes de contribuir com a sociabilidade das pessoas, por meio da problematização das relações de gênero.

REFERÊNCIAS

ABREU, Jânio Jorge Vieira de; ANDRADE, Thamyres Ramos de. **A compreensão do conceito e categoria gênero e sua contribuição para as relações de gênero na escola**. 2010.

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física**.1998. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte,1988.

ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco. **Educação física escolar e igualdade de gênero: um estudo transcultural** – primeiras aproximações. XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte Salvador. Bahia, 2009.

BORDO, S. R. **O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault**. In: JACAR, A. e BORDO, S. R. **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Record e Roda dos Tempos, 1997, p. 19-41.

BOTELHO, L.; CUNHA, C.; MACEDO, M. **O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais**. *Gestão e Sociedade*, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2 dez. 2011. Disponível em: <https://www.gestoesociedade.org/gestoesociedade/article/view/1220> Acesso em: 19 de setembro de 2018.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p.133-184, jul./dez.1995.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física, Ensino Médio**. Brasília: MEC, 2000.

BURCKARDT, Eduarda Virginia; DOS SANTOS, Joice Terezinha Lemanski. **Gênero na educação infantil: dançando sem tabus**. Salão do Conhecimento, v. 3, n. 3, 2017.

CAPARROZ, Francisco Eduardo. **Entre a educação física na escola e a educação física da escola: a educação física como componente curricular**. Autores Associados, 2005.

CARVALHO, Y. M. Promoção da saúde, práticas corporais e atenção básica. **Revista Brasileira de Saúde da Família**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: (portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/revcapa5.pdf). Data de acesso: 01/05/2014.

COSTA, Maria Regina Ferreira da; SILVA, Rogério Goulart. **A educação física e a coeducação: igualdade ou diferença?** Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas. V. 23. N.2.p.43-54. Jan. 2002

CROCETTA, Renata Righetto Jung. **Coeducação e relações de gênero na educação física com estudantes do ensino médio**. V Simpósio sobre a Formação de Professores. Educação Básica: Desafio frente às desigualdades educacionais, Campus Universitário de Tubarão, 2013.

DORNELLES, Priscila Gomes; FRAGA, Alex Branco. Aula mista versus aula separada? Uma questão de gênero recorrente na educação física escolar. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**. Cristalina, v. 1, n. 1, p. 141-156, ago./2009. Disponível em: <<http://www.facec.edu.br/seer/index.php/index/index>> Acesso em: 15 mar. 2011.

DUARTE, Cátia Pereira; MOURÃO, Ludmila. Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de educação física. **Movimento**, v. 13, n. 1, 2007.

FRANCIS, Becky. **Oppositional positions: Children's construction of gender in talk and role plays based on adult occupation**. Educational Research, v. 40, no 1, 1998, pp. 31-43

FRANCISCHI, Vanessa Gertrudes; SARAIVA, Maria do Carmo; KLEIUBING, Neusa Dendena. **Dança e gênero: possibilidades da educação inclusive**. In: SARAIVA, Maria do Carmo; KLEIUBING, Neusa Dendena. Dança: diversidade, caminhos e encontros. 1. ed. Jundiaí - SP: paco editorial, 2012. v. 01. 188p.

GOELLNER, S. V. Gênero. In: GONZÁLEZ, J. M. & FENSTERSEIFER, P. E. (orgs). **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005. p. 207-209.

GOMES, E. M. de P. **“Atividades del género em la cultura del patio de recreo”**. In: WOODS, P. e HAMMERLEY, M. Gênero, cultura y etnia em la escuela. Informes etnográficos. Barcelona: Ministério de Educação e Ciência, 1995, p.23-47.

GONÇALVES, Eduarda dos Passos *et al.* **Gênero nas aulas de educação física: investigando o comportamento dos estudantes**. 2017.

GRUGEON, E. **Aplicaciones de Género en la Cultura del Patio del Recreo**. In: WOODS, P.; HAMMERSLEY, M. Género, cultura y etnia em la escuela. Paidós. Barcelona. 1995.

HAERTEL, Bianca. **A temática do gênero nas aulas de educação física do ensino médio: pesquisa e intervenção em escolas da cidade de São Carlos.** III Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: o lazer em uma perspectiva latinoamericana. São Carlos, 2007.

JESUS, Mauro Louzada de; DEVIDE, Fabiano Pires. Educação física escolar, coeducação e gênero: mapeando representações de discentes. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 03, p. 123-140, setembro/dezembro de 2006.

KUNZ, Elenor. **Educação física: ensino & mudanças.** Ijuí: UNIJUI, 1991.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica.** 4. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 2003. 179 p

LOURO, G. L. **Nas redes do conceito de gênero.** In: LOPES, M. J. M. In: LOPES, M. J. M; MEYER, D. E; WALDON, V. R. (orgs). **Gênero e saúde.** Porto Alegre: Artes Médicas.1996.

LOURO, G. L. Teoria queer-uma política pós-identitária para a educação. **Estudos feministas**, v. 9, n. 2, p. 541, 2001.

LOURO, G. L. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero. **Teoria e Educação**, n 6. Porto Alegre, p.53-67,1992.

LOUZADA, Mauro; VOTRE, Sebastião; DEVIDE, Fabiano. Representações de docentes acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 2, p. 55-68, 2007.

MAC AN GHAILL, Máirtín. **The making of men. Masculinities, sexualities and schooling.** Buckingham, Philadelphia: Open University Press, 1996.

NEIRA, Marcos Garcia.; SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos.; SANTOS, Ana Paula da Silva. Corpo Feminino na TV: reflexões necessárias no âmbito da educação física escolar. **Conexões**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 97-113, maio/ago. 2009.

OLIVEIRA, I. R. S.; LOPES, J. O. ; ALVES, L. O. B. ; SILVA, A. C. S. . **Práticas pibidianas: as diferenças de gênero na educação física escolar.** In: II Seminário Regional PIBID da Região Sudeste e I Seminário PIBID do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

POOVEY, Mary. Feminism and deconstruction. **Feminist studies**, v. 14, n. 1, p. 51-65, 1988.

ROMERO, Elaine. **Estereótipos masculinos e femininos em professores de Educação Física.** Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito.** 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

SARAIVA, Maria do Carmo. Por que investigar as questões de gênero no âmbito da educação física, esporte e lazer? **Motrivivência**, Florianópolis, nº 19, p. 79-86, dezembro. 2002.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.71-99, 1995.

SILVA, Carolina Scolfaro Caetano da. **A construção dos estereótipos de gênero e a Educação Física escolar**. 2003. 33 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SOARES, Andresa; ANDRADE, Cibele Girardi; SOUZA, Elaine Cristina; SARAIVA-KUNZ, Maria do Carmo. **Improvisação e dança**: conteúdos para a dança na Educação Física. 1. ed. Florianópolis: 1998. v. 01. 98p.

THORNE, Barrie. **Gender Play: Girls And Boys In School**. New Jersey, USA, Rutgers University Press, 1993.